

24h*

DESFILE DO DOIS DE JULHO DEIXA DE OCORRER PELA PRIMEIRA VEZ EM 197 ANOS POR CONTA DA PANDEMIA

NARA GENTIL



Caboclos em quarentena

As comemorações da Independência da Bahia nunca passaram por um baque tão grande como o do próximo Dois de Julho, em seus quase 200 anos de história. A pandemia do novo coronavírus impôs nova rotina e impediu que baianos e turistas acompanhem o cortejo pelas ruas do Centro Histórico. Ou mesmo que o fogo simbólico saia de Cachoeira em desfile, com destino à capital.

O CORREIO foi atrás de historiadores para saber sobre eventuais crises que a festa do Dois de Julho tenha sofrido no decorrer da história e a resposta foi unânime: não há registro de que algum problema tenha freado o dia da Independência.

Membro do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Milton Moura conta que durante a II Guerra Mundial (1939-1945), o Carnaval chegou a ser suspenso, mas o Dois de Julho continuou ocorrendo.

Em 1943, por exemplo, a

festa aconteceu debaixo de uma chuva muito forte. Há registros de uma multidão protegida por guarda-chuvas fazendo o cortejo.

Um dos maiores revezes que a festa da Independência da Bahia sofreu foi justamente no ano de seu centenário, em 1923, quando o Brasil vivia a República Velha. A escravidão havia sido abolida menos de 40 anos antes, em 1888, e Milton Moura explica que essa abolição foi jurídica e formal. As pessoas negras escravizadas e seus descendentes ainda eram vistas como inferiores pela elite do país, que naquela época vivia o auge do processo de eugenia, com a imigração de europeus para 'embranquecer' o país.

Por conta disso, a imagem do Caboclo foi abolida. Não era um europeu, ou um homem branco e, portanto, não fazia parte da imagem que o país queria ter. "As elites baianas e brasileiras de um modo geral queriam fazer um embaquecimento do

Brasil. E o Caboclo era a marca de uma independência representada por um elemento mestiço vestido de índio. Nesse tempo se acirrou a perseguição aos batuques de Candomblé. Era uma coisa obsessiva de fazer o Brasil parecer europeu".

O historiador Daniel Rebouças classifica esse ato de retirar o Caboclo para colocar o Senhor do Bonfim no desfile como o ápice do processo de eugenia. Ele também afirma que nem mesmo no período da Gripe Espanhola, que assolou o mundo a partir de 2018, houve a proibição de gente nas ruas.

"O Dois de Julho foi meio cambaleante durante a história. Há a procissão cívica e a popular, que normalmente é materializada nos carros do Caboclo e Cabocla. Teve anos em que o carro da Cabocla ficou preso dentro do pavilhão da Lapinha, mas havia comemorações da Independência nas ruas. Mas assim zero, eu realmente desconheço", conta.

O Pavilhão do Dois de Julho, no bairro da Lapinha, este ano não vai se abrir para a grande festa popular e terá ato simbólico, mas sem a presença do público



Decidimos que não haverá desfile, mesmo que só do Caboclo. O que vai ocorrer é um ato comigo e o governador. Vamos fazer o hasteamento da bandeira e a deposição das flores na Lapinha ACM Neto

Prefeito de Salvador

LIVES DO DOIS DE JULHO

● CORREIO E HISTÓRIA

O CORREIO começa hoje uma série de lives sobre o Dois de Julho. As lives serão apresentadas pela subeditora do jornal e graduanda em História, Clarissa Pacheco, e terá as participações dos historiadores Marcelo Siquara e Rafael Dantas e do colunista do CORREIO Nelson Cadena. Sempre às 17h, as lives serão transmitidas no Instagram do jornal (@correio24horas), e vão debater temas relacionados à Independência da Bahia, como a situação da população da capital, que não conseguiu fugir para o Recôncavo na época da luta, as transformações na cidade após a guerra e a cobertura da imprensa sobre a festa.

● MULTIMÍDIA

Além das lives no Instagram o CORREIO vai publicar ao longo da semana um amplo conteúdo multimídia sobre o Dois de Julho, com vídeos, ilustrações, artigos e um podcast especial sobre a data. Fique atento ao site do jornal (www.correio24horas.com.br) e às redes sociais para não perder nada.

O prefeito ACM Neto afirmou que parte da Fundação Gregório de Mattos até sugeriu que o Caboclo desfilasse sem aglomeração e sem pessoas nas ruas. Contudo, ele avaliou que a medida seria arriscada: pessoas poderiam querer seguir o percurso e moradores do Centro poderiam sair para as sacadas para acompanhar o desfile.

"Decidimos que não haverá nenhum tipo de desfile, mesmo que fosse só do Caboclo. O que vai ocorrer é um ato pela manhã com as presenças minha e do governador. Nós vamos fazer o hasteamento da bandeira, a deposição das flores na Lapinha, sem que as pessoas tenham acesso. Será proibido o acesso de qualquer pessoa", disse Neto.

Em nota, a Prefeitura de Cachoeira, município de onde saiu o Fogo Simbólico na antevéspera do dia da Independência, afirmou que "reafirma seu compromisso em continuar servindo o povo cachoeirano, principalmente neste momento difícil de enfrentamento ao Coronavírus. E, de forma simbólica, lembramos e homenageamos as heroínas e heróis desta data". Todo ano, após sair de Cachoeira, a tocha passa por Saubara, Santo Amaro, São Francisco do Conde, Candeias e Simões Filho, até chegar em Pirajá.

VÍNICIO NASCIMENTO ORIENTADO PELA SUBEDITORA CLARISSA PACHECO.